

Ciências da Comunicação 3

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação 3 [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O terceiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 25 artigos que retratam as transformações proporcionadas pela internet e as formas como se estabelecem a comunicação e os relacionamentos no mundo social.

Os autores abordam a interação simbólica na era digital, o uso das plataformas online pelas empresas, o jornalismo impresso frente à internet e os novos fluxos informativos. Os artigos refletem sobre a sociabilidade nas redes sociais, a formação de identidade e a sensação de pertencimento dos usuários. As pesquisas também revelam as mudanças na forma de armazenamento de informações e arquivamento fotográfico, o alcance das mensagens no ambiente online e o uso das novas plataformas digitais pelas organizações.

No segundo núcleo temático, os artigos são voltados à educação, com discussões relevantes sobre as práticas apoiadas em tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) e a necessária qualificação dos docentes. Os pesquisadores também trazem discussões sobre a utilização das mídias digitais no processo de ensino-aprendizagem e apresentam relatos de experiências educolaborativas.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CRÍTICAS À EPISTEMOLOGIA MODERNA PELO VIÉS DA TEORIA CRÍTICA E DA TEORIA ATOR-REDE	
Tarcísio de Sá Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0671925031	
CAPÍTULO 2	13
ÉTICA E COMUNICAÇÃO DO INDIVÍDUO NA PÓS-MODERNIDADE	
Gabriela Queiroz Melo	
Sandra Maria Rocha de Carvalho	
Diego Frank Marques Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.0671925032	
CAPÍTULO 3	23
GISELA SWETLANA ORTRIWANO E AS CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO: REFLEXÕES EM TEMPO DE INTERNET	
Lourival da Cruz Galvão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.0671925033	
CAPÍTULO 4	35
A INTERAÇÃO SIMBÓLICA NA ERA DIGITAL: ENTENDENDO REDES SOCIAIS COM PEIRCE E BLUMER	
Jorge Antonio de Moraes Abrão	
Anderson Vinicius Romanini	
DOI 10.22533/at.ed.0671925034	
CAPÍTULO 5	47
TECNOLOGIA SOCIÁVEL EM RELAÇÕES PÚBLICAS: CASO MAGAZINE LUIZA	
Taisa Sanitá Selis	
DOI 10.22533/at.ed.0671925035	
CAPÍTULO 6	57
O JORNALISMO IMPRESSO FRENTE À INTERNET: IMPLICAÇÕES NA DECODIFICAÇÃO DE UM NOVO GÊNERO	
Mirian Martins da Motta Magalhães	
Fabiana Crispino dos Santos	
Elaine Vidal Oliveira	
Marcio Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.0671925036	
CAPÍTULO 7	70
JORNALISMO E DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS	
Caroline Pignaton	
Ruth Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0671925037	
CAPÍTULO 8	81
O JORNALISMO DIANTE DOS NOVOS FLUXOS INFORMATIVOS: PRINCÍPIO EDITORIAS DO GRUPO GLOBO E A GRAMÁTICA DE PRODUÇÃO NOTICIOSA	
Milton Julio Faccin	
DOI 10.22533/at.ed.0671925038	

CAPÍTULO 9	93
OS TELEJORNALISTAS E O APLICATIVO WHATSAPP NA ROTINA PRODUTIVA DAS REDAÇÕES	
Mozarth Dias de Almeida Miranda	
Sérgio Arruda de Moura	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
Victor Tomazinho Bartolazzi	
DOI 10.22533/at.ed.0671925039	
CAPÍTULO 10	107
VEM VER O SEMIÁRIDO: A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS NO CURSO DE JORNALISMO	
Mayara Sousa Ferreira	
Ruthy Manuella de Brito Costa	
Lana Krisna de Carvalho Morais	
DOI 10.22533/at.ed.06719250310	
CAPÍTULO 11	121
REDES SOCIAIS DA INTERNET: IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E SOCIABILIDADE	
Catarina Carneiro de Andrade Lima	
Silas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.06719250311	
CAPÍTULO 12	134
MEMÓRIA MÓVEL: ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS NA ERA DIGITAL	
Kety Luzia de Amorim Marinho	
Aline Maria Grego Lins	
DOI 10.22533/at.ed.06719250312	
CAPÍTULO 13	145
DIVERSIDADE DE CORPOS: O CORPO GORDO ATRAVÉS DAS ARTES, REDES SOCIAIS E O MOVIMENTO PLUS SIZE	
Patricia Assuf Nechar	
DOI 10.22533/at.ed.06719250313	
CAPÍTULO 14	158
TRABALHO GRATUITO NAS REDES: OS USUÁRIOS A SERVIÇO DO CAPITAL	
Guilherme Bernardi	
Manoel Dourado Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.06719250314	
CAPÍTULO 15	168
ALCANCE DE POSTS NO TWITTER: EVIDENCIANDO A DIFERENÇA ENTRE AUDIÊNCIA POTENCIAL E IMPRESSÕES DE MENSAGENS A PARTIR DE UM EXPERIMENTO	
Caio Cesar Giannini Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.06719250315	
CAPÍTULO 16	182
O USO DO INSTAGRAM STORIES PELAS ORGANIZAÇÕES: UMA ANÁLISE DOS PERFIS DAS CASAS NOTURNAS MARGOT E SINNERS	
Amanda Paloschi Bueno	
Vanessa Hauser	
DOI 10.22533/at.ed.06719250316	

CAPÍTULO 17	196
MÍDIAS SOCIAIS E CIBERDEMOCRACIA: UMA ANÁLISE DO FACEBOOK DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA	
Emanuelle Tronco Bueno Renata Patrícia Corrêa Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.06719250317	
CAPÍTULO 18	208
MÍDIAS SOCIAIS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS E SOCIAIS DA DICIPA PARA A UNIPAMPA	
Franceli Couto Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.06719250318	
CAPÍTULO 19	222
PRÁTICAS APOIADAS EM TECNOLOGIAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (TDIC) NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA	
Gláucia Silva Bierwagen	
DOI 10.22533/at.ed.06719250319	
CAPÍTULO 20	238
EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL: DOCUMENTÁRIO TELEVISIVO COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MACAPÁ	
Laiza Monik de Oliveira Mangas Beatriz de Paula Moura Ribeiro Paulo Vitor Giraldi Pires	
DOI 10.22533/at.ed.06719250320	
CAPÍTULO 21	250
O ENSINO HÍBRIDO (<i>BLENDED LEARNING</i>) COMO METODOLOGIA NA EDUCAÇÃO ATUAL: O CASO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO NORTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
Ana Elisa Pillon Leila Regina Techio Maria José Baldessar	
DOI 10.22533/at.ed.06719250321	
CAPÍTULO 22	261
FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): A TRAJETÓRIA DO NACE ESCOLA DO FUTURO – USP E A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO INVENTANDO FUTUROS	
Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetritti	
DOI 10.22533/at.ed.06719250322	
CAPÍTULO 23	274
USO DE MÍDIAS SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR	
Geovani Laurindo Filho Ana Maria Ribas	
DOI 10.22533/at.ed.06719250323	

CAPÍTULO 24 290

A GRANDE REPORTAGEM COMO FONTE DE (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA “EDUCOLABORATIVA”

Verusa Pinho de Sá
Antenor Rita Gomes

DOI 10.22533/at.ed.06719250324

CAPÍTULO 25 302

DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DA LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: UMA VISÃO COMUNICACIONAL

Elen Cristina Gerales
Valquiria de Lima Rodrigues
Helen Rose Lopes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.06719250325

SOBRE A ORGANIZADORA..... 315

DIVERSIDADE DE CORPOS: O CORPO GORDO ATRAVÉS DAS ARTES, REDES SOCIAIS E O MOVIMENTO PLUS SIZE

Patricia Assuf Nechar

Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista CNPQ. Estuda e pesquisa o corpo gordo, movimento plus size e redes sociais, panechar@gmail.com.

RESUMO: O presente artigo aborda o fenômeno contemporâneo da ascensão do corpo gordo, deixando suas marcas através das artes e fotografia, que fomentam o movimento *plus size*. O objetivo é propor uma reflexão da atualidade a fim de desvendar padrões corporais e crenças que envolvem a gordura corpórea. O que justifica este artigo são as manifestações emergentes de imagens desse corpo, que podem ser observadas em diferentes mídias. Baseando-se na visão histórica de Vigarello, nas redes sociais de Leão e na análise contemporânea de Prado é possível entender melhor a cultura desse corpo que emerge através do movimento *plus size* nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *plus size*, corpo gordo, cultura, redes sociais.

INTRODUÇÃO

É importante ressaltar que este artigo é a introdução de ideias e pensamentos da pesquisa

de doutorado ainda em andamento. A ascensão de um corpo visto nas artes, nas mídias e nas redes sociais é que move nosso processo de investigação que está em construção. Na verdade, trata-se de um mosaico introdutório de pensamentos e ideias que nos levam a olhar com mais atenção para o corpo gordo, portanto ainda não temos um resultado final para a pesquisa. Outro ponto importante a ressaltar em nosso artigo é que não fazemos apologia à obesidade mórbida, considerada pela medicina uma doença.

O corpo na comunicação é um fenômeno que emerge dentro da contemporaneidade tomando um espaço significativo na construção central da nossa cultura. A pluralidade física se tornou objeto de pesquisa em várias temáticas de estudo, apresentando inúmeras relações de linguagens do conhecimento do corpo. Percebemos uma relevância atual da discussão da inclusão do corpo gordo na sociedade através de acontecimentos envolvendo pessoas gordas que estão se fortalecendo devido a um discurso de exaltação e valorização, opondo-se a um discurso social hegemônico que adverte este modelo como imperfeito.

O Brasil apresenta uma herança miscigenada de corpos, portanto, definir um estilo físico para a nossa cultura é *Incerto*

(ORTEGA, 2008), pois somos uma mestiçagem de raças e influências diversas, sobretudo quando falamos de hábitos socioculturais que interferem em nossos costumes, no modo de vida e, também, na alimentação de nossa variada população. Definir um modelo para o corpo do brasileiro é como procurar uma ordem binária dentro de uma mistura de comportamentos culturais que se apresentam receptíveis às novas culturas. Mas mesmo com este cenário, estamos diante de paradoxos sociais e de discursos hegemônicos que estão no mercado de consumo: corpos magros e de traçados secos são considerados modelos corretos e aceitos socialmente, sonegando assim qualquer outro estilo de corpo e questionando a capacidade de aceitação do outro.

Outro paradoxo apresentado que devemos observar são dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) de 2015: 52,6% do povo brasileiro está com sobrepeso, e este número tende a aumentar 15% até 2025, conforme a ABESO (Associação Brasileira do Estudo da Obesidade). Tendo em vista esse cenário de corpos mais gordos em nosso país, apresentamos situações conflitantes: por um lado observam-se discursos midiáticos que supervalorizam os corpos magros e por outro encontramos no nosso cotidiano corpos que não condizem com esse imaginário social. Portanto, vamos apresentar como se deu a queda do corpo gordo para a construção desse imaginário social através das pesquisas históricas de Georges Vigarello e como as artes e as redes sociais junto ao Movimento *Plus Size* estão trazendo às vistas da sociedade o corpo gordo.

O SOFRIMENTO DO CORPO GORDO

Se nos guiarmos pelos caminhos de Georges Vigarello em “As metamorfoses do gordo: história da obesidade no ocidente”, iremos perceber nitidamente a ascensão e queda do corpo gordo desde a época medieval até o século XX.

O imaginário social de negatização do corpo gordo foi se consolidando a partir do século XVIII, devido aos avanços da medicina, da química e da fisiologia. Através desses estudos que relacionam a gordura corporal às doenças, levaram o gordo às margens da sociedade, transformando-o, no século XX, em aberração social, visto como um corpo doente e estigmatizado (VIGARELLO, 2012).

O gordo se torna “incapaz, mole e inerte” no século XVII. Os olhares para o corpo passam a julgar sua aparência e o problema com o peso passa ser mais crítico: no século XVIII, a imagem do corpo passa a ser tão avaliada como a imagem do rosto. Tanto corpo gordo como o magro, as “silhuetas contrastantes” (VIGARELLO, 2012, p. 218), passam a ser um paradoxo nas descrições dos perfis descritos na Europa. Com o avanço dos estudos na medicina no século XIX, a gordura passa a ser vista como um perigo e catalogada pelos seus diversos graus, relacionando-a a várias doenças e assim tornado o corpo gordo mais “sensível às morbidades” (VIGARELLO, 2012,

p. 230). O corpo sem gordura fica em evidência no século XIX a partir das dietas. Alimentos como açúcar, a farinha e o amido, considerados fonte de energia, passaram a ser restrição obrigatória dos hábitos alimentares.

A exigência do emagrecimento só aumenta com a ascensão do costume do banho de mar. Os regimes ficam mais evidentes. Com a exposição do corpo na praia, a exigência do corpo perfeito para os padrões da época se torna forte. As mulheres gordas são chamadas por “esferas, bolas, boias, baleias” e as muito magras são comparadas com “tábuas” e “estacas”. “As novas formas de lazer deixam entrever ‘monstruosidades’. Daí o aumento das pressões pelo emagrecimento.” (VIGARELLO, 2012, p. 252).

O sofrimento dos gordos em relação ao seu corpo só é relatado no século XIX. A infelicidade está relacionada à sua condição corporal, às dificuldades sociais e ao desprezo da pessoa amada. Essa tristeza só aumenta com as infrutíferas tentativas de emagrecimento. Devido à falta de conhecimento sobre a gordura naquela época, os relatos sobre as sensações emocionais relacionados com as questões do corpo gordo são considerados sofrimentos de ordem moral, portanto, os médicos ignoravam tais reclamações advindas das pessoas gordas (VIGARELLO, 2012, p. 240).

A partir do final do século XIX, o corpo gordo se torna monstruoso, a gordura passa a ser considerada anomalia e os gordos são expostos em feiras e circos, conhecidos como *freak show*¹(show de aberrações), como uma atração de aberrações, por isso a monstruosidade.

Após algumas décadas, aliás, a insigne gordura já não pertence mais ao mundo do gordo, mas à categoria do monstruoso. Anatomias fortemente desproporcionais não passavam de exemplos “grotescos”, de curiosidades expostas na feira, em tendas tipo “entra e sai”. (VIGARELLO, 2012, p. 297)

Vigarello se refere, nesse caso, ao que conhecemos hoje por obesidade mórbida, como por exemplo pessoas que pesam a partir de 270 quilos, mas isso deixou marcas sociais que se tornaram referências em relação às pessoas gordas. “A existência do muito gordo já não passa de um desvio, um descaminho: sua aparência é apenas ‘monstruosidade’.” (VIGARELLO, 2012, p. 298). Com a entrada do século XX, a sociedade, junto com a comunicação acelerada, transforma o monstro gordo em fenômeno social, aquilo que era uma “esquisitice tolerada” agora passa ser uma preocupação cotidiana. O corpo é “confrontado com o outro” (VIGARELLO, 2012, p. 298), como por exemplo o mais gordo com o mais magro, o mais alto com o mais baixo. Com o passar dos anos, aproximadamente no início dos anos de 1920, esse *freak show* de padrões diferentes passa a ser simplesmente um sofrimento em relação à aparência. O “muito gordo” não é mais um caso para se expor em feiras e circos, mas em clínicas médicas. A gordura se transformou em um caso clínico, médico, que só os “cientistas conseguem encarar”. O corpo gordo se torna uma “uma visão insuportável”

1. Freak Show, ou show de aberrações, são datados aproximadamente de 1840 a 1940, conforme cita BOGDAN, 1988, p. IX.

(VIGARELLO, 2012, p. 299).

A preocupação dos médicos com a gordura se torna ímpar e nasce, portanto, a cultura do corpo magro. Da preocupação em emagrecer e manter-se magro a qualquer custo emerge o estigma do gordo. Nasce, então, não somente a questão das dificuldades com as dietas, mas a questão psicológica da luta de um corpo gordo para se encaixar em um padrão magro.

O fracasso do corpo gordo se dá nas inúmeras tentativas infrutíferas de tentar emagrecer, se torna ao olhar da sociedade uma pessoa negligente, desleixada, sem controle de suas ações. A incapacidade de se transformar em magro, transformar a gordura corporal em marca de incompetência e estigma, é dar à obesidade um caráter discriminatório, como diz abaixo:

O fracasso adquire uma nova figura reforçada pela banalização do tratamento e pela ascensão do psicológico. Crescem os relatos dolorosos. Como crescem na cultura contemporânea as autoavaliações e os testemunhos sobre a experiência própria. O lugar assumido pelo magro reforça duplamente a estigmatização. O obeso não é mais apenas o gordo. É também aquele que não consegue mudar: identidade desfeita numa época em que o trabalho sobre si mesmo e a adaptabilidade se tornam critérios obrigatórios. O que a obesidade revela é na verdade um fracasso em se transformar. (VIGARELLO, 2012, p. 300)

A estigmatização do gordo é tanta nos anos 1920 e 1930, que as questões patológicas em relação à obesidade se proliferam de uma maneira avassaladora. Começa-se a fazer uma generalização das doenças em relação à gordura corporal. A gordura se torna uma vilã implacável e traz consigo inúmeras doenças nocivas desde o câncer, o envenenamento, até a intoxicação. Corromperam questões culturais e psicológicas, que se infiltraram nas relações das pessoas e acabaram sendo alvo de opiniões divergentes, de referências éticas e morais até que conseguiram transformar a gordura de um modo extremo “em um mal universal”.

O gordo passa a ser uma ameaça estética e vital à sociedade se tornando o doente do século XX. A busca em combater a gordura torna-se o principal objetivo de vários setores da saúde (médicos, nutricionistas, treinadores físicos, etc.) além de pesquisadores, da sociedade e, principalmente, das pessoas. O mal da gordura cai no senso comum.

Os excessos corporais ganham um *status* completamente pejorativo e abre espaço para o corpo magro que beira à anorexia (SANT’ANNA, 2014). Desde então, este corpo começa a ascender e ganha uma visibilidade de célebre e bem-sucedido (SANT’ANNA, 2014) como estampam as capas de revistas das *top models* famosas e dos corpos vistos nas mídias televisivas. O corpo magro e suas práticas tomam uma posição de centralidade e afirmativas em relação aos costumes sociais e o corpo gordo torna-se criticado e marginalizado, mas mesmo diante dessa exclusão social, os números de pessoas com sobrepeso e obesos no Brasil aumentam, como vimos acima nos dados OMS.

O CORPO GORDO NAS ARTES

Em busca da quebra dos padrões sociais, a arte sempre esteve presente ativamente e é uma forma inesgotável de manifestações políticas ou não em prol dos corpos diferenciados. Por isso, trazemos para esta reflexão exemplos que fazem do corpo gordo uma arte. É através das artes que contamos sobre nossa cultura, deixamos registros da história, além de produção simbólica, que também é uma forma de comunicação e expressão, por meio de diversas linguagens: esculturas, representações pictóricas, a música, o cinema, fotografia, até mesmo a culinária. Não é novidade falarmos que a arte também representa o corpo gordo. Temos inúmeros exemplos que podemos destacar, que vêm desde os primórdios até os dias atuais e contam a história do corpo. Como podemos citar Vênus de Willendorf, escultura encontrada há mais de vinte e cinco mil anos. Apesar de ter somente dez centímetros, a escultura tem proporções e formas avantajadas.

A arte retrata os costumes de uma época. Podemos notar que o corpo volumoso se destaca em alguns períodos, como no século XVI. Em especial, o pintor Peter-Paul Rubens pintava o padrão de beleza visto na época. Os padrões eram diferentes, a gordura não era problema e significava prestígio, conforme Vigarello afirma:

O imaginário encanta-se com a acumulação. A saúde supõe barriga cheia. O vigor é fruto da densidade de carnes. É preciso ter a medida dessas certezas para melhor avaliar as críticas futuras ao “gordo”. Temos, antes de tudo, que nos deter sobre o prestígio de que gozam volumes e gorduras. (VIGARELLO, 2012, p. 21)

Apesar de estarmos vivendo uma época em que os padrões corporais são magros e com tônus muscular, nas artes plásticas as manifestações mostrando corpos volumosos são inúmeras. Tanto artistas antigos como os contemporâneos fazem referência para enaltecer o que menos vemos na mídia hoje, o corpo fora de padrão. Podemos citar alguns exemplos antigos e contemporâneos.

Maria Fernanda Vilela de Magalhães é fotógrafa, artista visual, doutora em artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora da Universidade Estadual de Londrina. Nascida em Londrina, Paraná, em 1962. Em suas obras, apresenta uma rebeldia em relação ao corpo, porque usa seu próprio corpo fora do padrão midiático para produzir seus trabalhos e isso indica um enfrentamento social diante das questões estéticas do corpo.

A arte de Fernanda Magalhães tem caráter performático e político. Conforme podemos ver na figura a seguir, Magalhães levanta o questionamento de representação de vida de um corpo gordo, de um corpo fora do padrão tentando quebrar preconceitos e padrões.



Figura 1: Imagem da obra de Fernanda Magalhães.

Fonte: Fernanda Magalhães Blogspot <<http://fermaga.blogspot.com/>>

Autoria: Desconhecida

Ativista e artista “Negahamburger”, Evelyn Queiroz, fez de sua arte a voz de libertação de um corpo oprimido. Denunciando a opressão e o preconceito sofrido por mulheres cujo biotipo não corresponde ao padrão estético de corpo, seja ela gorda, magra, com excesso de pêlos ou disforme. A arte de Evelyn é um exemplo de discurso do movimento “*plus size*”, pois consegue englobar a questão do preconceito contra as mulheres, a opressão racial, questionar o padrão de beleza e tudo isso se expressa em suas ilustrações.



Figura 2. Evelyn Queiroz junto ao seu trabalho em grafitti.

Fonte: Blog Negahamburger <<http://negahamburger.com>>

Autoria desconhecida.

A artista plástica baiana Eliana Kertész era vereadora, deixou a vida política para

se dedicar à arte e tornou-se uma das escultoras mais importantes da Bahia. Ficou conhecida por criar esculturas de gordinhas que emanam sensualidade e alegria.

Em 1991, esculpir no barro foi uma opção que suas mãos conseguiram agarrar para fugir da tristeza. A primeira tentativa de escultura já saiu com formas redondas, como a artista diz: “embora ainda tosca – já saiu gorda”. Sua primeira exposição foi em 1993, na galeria Paulo Darzé na cidade de Salvador – BA. Cativou a crítica e o público, ganhando fama e inúmeros convites para outras mostras. A artista tem suas obras espalhadas em Olinda, Salvador, São Paulo e no Acre.



Figura 3. Obras de Eliana Kertész na Praça das Gordinhas, em Salvador, BA.

Fonte: Correio 24 horas < <https://www.correio24horas.com.br> >

Autoria: Desconhecida

Eduardo Santos, mais conhecido como Edull, nascido em 1986, é artista plástico, *designer* e só desenha mulheres gordinhas. Como ele mesmo diz, “é um modo carinhoso de chamá-las”. Percebemos em sua obra que seus traços são baseados em estilos *anime* e *mangá*. Edull ficou conhecido, em primeiro lugar, fora do país pelo *Instagram* com suas ilustrações que representam as princesas da Disney em versão *plus size*. Cinderela, Bela Adormecida, Aurora, Branca de Neve, dentre outras, essas princesas ganharam curvas e quilos a mais. Edull desenha todos os tipos de mulheres, entre elas as super heroínas, bloguerias *plus size*, artistas *plus size* e ilustra mulheres reais em desenho.



Figura 4. Mulher Maravilha Plus Size

Fonte: <<https://heyedull.com/>>

Artista: Edull Ardo

Nos trabalhos publicitários encontramos fotografias artísticas que exaltam a beleza do corpo fora dos modelos de magreza, os corpos curvilíneos são atualmente representados de maneira positiva em várias campanhas publicitárias. O fotógrafo Felipe Menegoy, em 2015, criou uma exposição denominada *Don't Label Me* e fez uma exposição fotográfica com a *Miss Plus Size* e *Top Model* brasileira Aline Zattar. A exposição teve o intuito de mostrar que a beleza também existe em um corpo que não é padrão. As primeiras imagens postadas pelo fotógrafo nas redes sociais causaram um estranhamento advindo por usuários e seguidores comentando que havia muita manipulação de imagem e questionando sobre o corpo real da modelo. Tais questionamentos levaram Felipe Menegoy a ir a público postar os fotolitos (imagem matriz) da modelo.



Figura 2. Exposição Don't Label Me com a modelo Aline Zattar.

Fonte Ego <ego.globo.com>

Autoria: Felipe Menegoy.



Figura 6. Fotolito Don't Label Me com a modelo Aline Zattar.

Fonte: Ego <ego.globo.com>

Autoria: Felipe Menegoy.

O CORPO GORDO NAS REDES SOCIAIS E O MOVIMENTO *PLUS SIZE*

As investigações do movimento *plus size* neste trabalho acontecem no ciberespaço. Pelo fato de ser um meio propício para inúmeras narrativas e formas de discursos, relembramos o conceito de Leão (2014) com as devidas características direcionadas a este ambiente:

Quais são as propriedades narrativas do ciberespaço? Pode-se observar uma série de propostas instigantes emergindo do ciberespaço, se consideramos como uma rede dinâmica composta por pessoas, grupo e ambientes cibernéticos (que interagem simultaneamente no real e no virtual) além dos sistemas de informações, softwares e máquinas (LEÃO, 2004, p. 165)

Esse conceito nos deixa livres para navegarmos em diferentes estruturas de linguagem existentes no ciberespaço, pois é um local onde aparecem inúmeras narrativas para transmitir um mesmo fato e acontecimento.

Nas narrativas das redes sociais encontramos sites e *blogs* que abrem espaços para diversas discussões e para as dificuldades enfrentadas por pessoas gordas em seu cotidiano.

Destacam-se as narrativas das blogueiras denominadas *plus size*, que fazem parte de um movimento em prol da diversidade de corpos e da autoestima das pessoas gordas, tirando-as da posição de vítimas discriminadas socialmente, para uma posição de autonomia de si perante as imposições sociais de uma estética corporal. O objetivo desses discursos é dar força e potência individual a cada leitora para se emancipar da dominação social perante a imposição estética do corpo.

O movimento *plus size* faz parte de uma nova estética contemporânea que se iniciou no Brasil, a partir de 2009, que agrega as relações sociais, apaziguando conflitos e tirando peso dos corpos estigmatizados pela sociedade pelo fato de serem gordos. O termo *plus size* surgiu nos Estados Unidos, mais especificamente na moda, em 1970, que significa a numeração de vestimenta acima do número 44 femininos e 48 para o masculino (Abravest, 2015).

O termo *plus size* foi apropriado pela assessora de imprensa Joyce Matsushita ao trazer a *top model* internacional Fluvia Lacerda para fotografar para *blogs* e marcas de roupas de tamanhos grandes, em 2009. Essa data se tornou um marco para o início do Movimento *Plus Size*.

O conceito de *plus size* se faz entender a partir de uma riqueza adicional, que se acrescenta na diversidade corporal. Entendemos que o significado de *plus size* é que esse corpo não se limita somente a uma numeração e padronagem de roupa, mas está voltado a movimentos sociais que se formaram a partir de pessoas que possuem um perfil diferenciado de corpo.

O movimento *plus size* é formado por pessoas que apresentam corpos gordos e buscam na sociedade a inclusão de padrões corporais mais amplos. Militam a favor de uma aceitação em relação ao tamanho do corpo, discutem sobre a segregação e o estigma do corpo estereotipado de tal forma a questionarem sobre os modelos

corporais apresentados nos meios midiáticos como revistas, televisão e internet. Conforme Nechar cita em sua dissertação:

Essas pessoas se dedicam com fervor para que a sociedade perceba que independente de possuir um corpo gordo, este é capaz de exercer funções físicas e intelectuais como qualquer outra preparada para tal, de maneira que seu caráter não muda em relação ao seu peso e principalmente que seu corpo é tão belo como outro qualquer. (NECHAR, 2015, p. 32)

O corpo gordo é diferenciado pois não possui um formato desejado pela sociedade. Conforme Prado (2013), que reflete sobre a política comunicacional contemporânea em “Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais”, este corpo é colocado às margens da sociedade. Na cultura que vivemos, observa-se uma série de discursos e imagens que valorizam o corpo magro, jovem e atlético e os que não se enquadram neste perfil tornam-se invisíveis para a sociedade.

Em nosso contexto cultural, no texto “O corpo obeso: Um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia”, descreve-se que o corpo gordo é visto como: “doente, impossibilitado, limitado e indesejado, ou seja, é percebido como deficiente no sentido que não ser eficiente o suficiente para ser adequado nos padrões de normalidade, bem como se refere à esfera do mundo produtivo.” (Matos; Zaboli; Mezzaroba, 2012, p. 92).

Dessa forma, o movimento *plus size* veio para fazer um resgate do corpo indesejado, em busca do respeito ao corpo e à inclusão do corpo gordo na sociedade, na tentativa de mostrar que todo imaginário social construído em volta do gordo não condiz com a prática do cotidiano de uma pessoa gorda. O movimento *plus size* tende a agregar pessoas que possuem um corpo fora dos padrões midiáticos e isso faz com que o movimento seja uma luta por pessoas que possuem corpos estereotipados, podendo se comparar a algumas formas de inclusão social de corpos igualmente marginalizados como os dos deficientes físicos que lutam por uma aceitação social. Esses corpos são marginalizados, conforme Prado pretende nos mostrar, que houve uma construção *glamourosa* em torno da aparência a partir de 1970 no que ele nomeia de mundo pós-moderno. Comenta que a sociedade diante do capitalismo pós-moderno, somente tende a indicar em suas propagandas corpos bonitos, cheios de saúde, beleza e nos passa uma falsa sensação de bem-estar, e que as revistas são como “mapas rumo ao sucesso” (Prado, 2013, p. 35) para alcançar essa qualidade de vida. Quem não possui esse padrão ou não segue esse mapa estão fadados ao fracasso; e isso nos remete ao mesmo pensamento de Vigarello ao dizer que todos os esforços infrutíferos de tentar emagrecer sem obter êxito remete a um corpo fracassado.

Esses corpos bonitos devem permanecer sempre em evidência, os outros corpos que não seguem esse modelo, devem permanecer invisíveis. “Isso deve permanecer invisível, junto com a vida e o corpo dos gordos, dos mulçumanos, dos terroristas, dos transexuais, das lésbicas não consumistas, das ativistas pobres, dos deprimidos e tantos outros.” (Prado, 2013, p. 35).

Não somente o corpo gordo torna-se invisível, mas também todos os quais de certa maneira geram uma forma de preconceito. A internet, “um espaço em constante ebulição, camaleônico, elástico, ubíquo” (LEÃO, 2004, p. 9), é um espaço que permite que os discursos da diversidade prosperem, como é o caso do universo *plus size*.

No ciberespaço, o universo *plus size*, com toda sua carga de realidade e seu tom político, pode se fazer mais visível e, portanto, mais forte, abrindo espaço para que esse corpo seja representado e apresentado em uma gama maior de manifestações, influenciando diversas linguagens, e deixando em maior evidência pessoas gordas capazes que fazem a diferença em todos os espaços, não só no campo das artes como visto acima, mas em todas as profissões. Que essas pessoas possam tomar o devido espaço que lhes cabe e que se tornem cada vez mais visíveis na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura do corpo gordo ainda está em formação devido à nova organização social e cultural que o inclui. Desde 2009, com o marco do surgimento *plus size* até os dias atuais, percebemos o início de uma consolidação cultural e a propagação de um novo universo que ocorre dentro das redes sociais e está a cada dia ganhando espaço nas ruas, no cotidiano das pessoas através de encontros formais de representantes do meio para levantar questões de interesses comuns em relação à emancipação do gordo.

O movimento *plus size* vem sendo difundido e discutido através de fóruns de debates, eventos de moda, programas de televisão, documentários, manifestações sociais, na academia, em livros, nos comerciais televisivos e em revistas voltadas para todos os públicos. O *boom* desse movimento está cada vez mais perceptível em nosso cotidiano.

Estamos vivenciando uma época em que o corpo marginalizado está saindo de uma posição de invisibilidade e buscando um local para que possa ser visto e aceito socialmente. Existe uma potencialização que está emergindo desse corpo, suas relações sociais, sua diversidade e sua emancipação. As complexidades das ações criadas em rede desencadeiam sinais que emergem nas mudanças de comportamento, causando assim um movimento que traz para o centro quem estava nas margens: os corpos gordos.

Através das artes e das redes sociais percebemos que os diálogos e narrativas estão em constante ebulição na construção de uma nova subjetividade e espaços de discussões, vemos brechas para que as maiorias das pessoas enxerguem que o corpo gordo também sente, ama, habita e frui socialmente.

REFERÊNCIAS

- ABRAVEST – **Associação Brasileira de Vestuário**, 2015. Disponível em: <http://abравest.org.br/site/>. Acesso em: 15 jun 2018.
- CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é corpolatria**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CSTA, Rogério. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p. 23548, mar/ago 2005.
- COSTA, Rogério. **Inteligência afluyente e cibercultura**. In: LEÃO, Lucia (org.) *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablune; Senac, 2004.
- LEÃO, Lúcia (org.). **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablune; Senac, 2004.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.
- PRADO, J. A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ, 2013.
- MATOS, Keite dos Santos; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. **O corpo obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia**. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFS, 9., 2012, São Cristóvão. Anais. São Cristóvão: Univ. Federal de Sergipe, 2012.
- NECHAR, Patricia Assuf. **Culturas e comunicações do universo *plus size*: Uma cartografia das imagens de corpo nos discursos nas redes sociais**. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4740>. Acesso em 15 de jun de 2018.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e Obesos. Uma história de peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- _____. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: ed. Contexto, 2014.
- VIGARELLO Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX**. Petrópolis: Vozes, 2012

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-206-7

